



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA -  
UNEB DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO -  
DEDC I CENTRO DE ESTUDOS EM  
GÊNERO, RAÇA/ETNIA E SEXUALIDADE  
DIADORIM  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO, RAÇA/ETNIA E  
SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DE EDUCADORAS(ES).**

**CARLOS ÉLBER RIBEIRO MACHADO**

**GÊNERO E O COTIDIANO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Santo Antônio de Jesus  
2019

**CARLOS ELBER RIBEIRO MACHADO**

**GÊNERO E O COTIDIANO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade na Formação de Educadoras(es) como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista pelo Departamento de Educação Campus I, da Universidade do Estado da Bahia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr. Osvaldo Francisco Ribas Lobos Fernandez.

Santo Antônio de Jesus  
2019

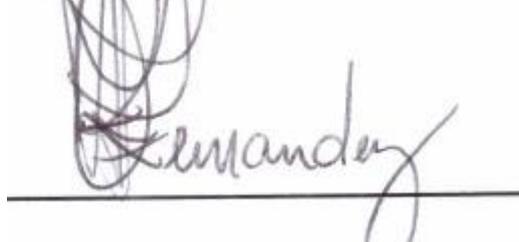
**CARLOS ELBER RIBEIRO MACHADO**

**GÊNERO E O COTIDIANO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

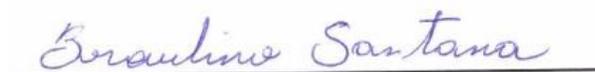
Monografia submetida à aprovação da Banca Examinadora, como requisito para a obtenção do título de Especialista pelo Departamento de Educação Campus I, da Universidade do Estado da Bahia.

Aprovada em: 20/09/2019

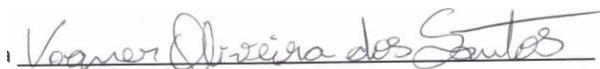
Banca Examinadora:



Profº Dr. Osvaldo Francisco Ribas Lobos Fernandez – Orientador(a)  
Universidade Estadual da Bahia



Profº Dr. Braulino Pereira de Silva  
Universidade Estadual da Bahia



Profº Wagner Oliveira dos Santos  
Universidade Estadual da Bahia

## RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no programa de pós-graduação *latu senso* da UNEB, no curso de Especialização em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade na Formação de Educadores. A partir de observações relacionadas construção de hábitos relacionados às questões de gênero, o trabalho descreve a organização dos ambientes, elementos, objetos e práticas pedagógicas no cotidiano da Educação Infantil. O cenário analisado foi uma escola de ensino infantil da cidade de Santo Antônio de Jesus-BA, com público da amostra composto por alunos de faixa etária entre 04 e 10 anos. A metodologia de pesquisa que orientou esse estudo é de abordagem qualitativa de acordo com as ciências humanas e sociais, com inspiração etnográfica. A pesquisa foi desafiadora no sentido de perceber através de um olhar crítico reflexivo as relações de gênero no cotidiano da educação infantil. Foi possível perceber que as relações de gênero são construídas com base em costumes, valores, signos e significados herdados historicamente e não simplesmente construídos pelas crianças. Percebe-se que as relações de gênero são representações sociais que constroem identidades, mas que estão sempre se (re)constituindo, por isso são instáveis e passíveis de transformação. Por fim, no que se refere às questões de gênero e sexualidade foi possível notar que é preciso criar estratégias que esclareçam e estimulem a reflexão da comunidade escolar com relação a essa temática. Portanto, o espaço analisado não se apresenta como um espaço plural no qual há uma problematização e superação dos processos de discriminação, e sim como um espaço gerador e reproduzidor de uma educação sexista.

Palavras chave: Educação Infantil, Gênero, Escola.

## **ABSTRACT**

This work is the result of research carried out in UNEB's *latu sense* postgraduate program, in the Specialization Course on Gender, Race / Ethnicity and Sexuality in Educator Training. Whole observations above related to the construction of habits correlate to gender issues, the paper describes, the organization of environments, elements, objects and pedagogical practices in the daily life of early childhood education. The scenario analyzed was a kindergarten in the city of Santo Antonio de Jesus-BA, with a sample public composed by students aged between 4 and 10 years. The investigation methodology that guided this survey is a qualitative approach according to the human and social sciences, with ethnographic inspiration. This one quest was challenging in the sense of perceiving through a reflective critical look the gender relations in the daily life of early childhood education. It was possible to realize that gender relations are constructed based on customs, values, signs and meanings inherited historically and not simply built by children. Gender relations are social representations that build identities, but are always (re) constituting themselves, so they are unstable and subject to transformation. Finally, with regard to the questions of gender and sexuality, it was noted that it is necessary to create strategies that clarify and stimulate the reflection of the school community regarding this theme. Therefore, the analyzed space is not presented as a plural space in which there is a problematization and overcoming of the processes of discrimination, but as a generating and reproductive space of a sexist education.

Keywords: Early Childhood Education, Gender, School.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p.5
I CAPÍTULO: EDUCAÇÃO PARA ALÉM DA ALFABETIZAÇÃO.....	p.10
II CAPÍTULO: GÊNERO E EDUCAÇÃO.....	p.15
III CAPÍTULO: ASPECTOS METODOLÓGICOS .....	p.18
IV CAPÍTULO: O COTIDIANO ESCOLAR.....	p.21
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	p.24
REFERÊNCIAS.....	p.25

## INTRODUÇÃO

Realizar um estudo com profundidade e amplitude incluindo uma abordagem a cerca das relações de gênero associados à educação infantil é um verdadeiro desafio, justificado na complexidade pautada pela pluralidade prismática e multifacetada existente principalmente em uma sociedade que casos de discriminação e preconceito são problemas recorrentes.

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no programa de pós-graduação *latu senso* da UNEB, no curso de Especialização em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade na Formação de Educadores. Esta pesquisa descreve a organização dos ambientes, elementos, objetos e práticas pedagógicas no cotidiano da educação infantil a partir de uma pesquisa etnográfica baseada em observações de hábitos relacionados às questões de gênero.

Essa produção apresenta percepções e interpretações de acontecimentos proporcionados pelas relações de gênero vivenciadas por crianças no cotidiano da Educação Infantil. O enfoque na discussão a cerca do marcador social de gênero visto aqui como uma categoria de análise, ancora-se em teorias construídas por pesquisadores e pesquisadoras que tem uma concepção plural sobre o assunto, com estudos e pesquisas aprofundadas com base nas relações de poder e vão para além dos argumentos biológicos e culturais.

A compreensão aqui analisada é corroborada por Scott (1995), que afirma o gênero como uma compreensão de um conjunto de referências que estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social.

As questões aqui tratadas partem do princípio das desigualdades que se desdobram no âmbito das interações sociais educativas ao logo da história. Essas consequências não se apresentam apenas relações interpessoais, são percebidas também em outras redes de poder, através das instituições, dos discursos, dos códigos, das práticas, dos símbolos, forjando assim as hierarquias preestabelecidas entre os gêneros.

Nesse ambiente escolar infantil, a discriminação pode existir de maneiras naturalizadas – como por exemplo na divisão desigual do acesso as práticas

corporais, quando os meninos têm mais dias e horários nas quadras, ou quando atividades são separadas de acordo com o gênero das crianças.

Escolhas por brinquedos, brincadeiras, já são pré-estabelecidas antes do nascimento, assim como a escolha do nome, as cores do quarto. Uma predefinição do que é próprio ou não para menina ou para menino.

Louro (1997) corrobora dizendo:

[...] Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim com a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. O sujeito é brasileiro, negro, homem, etc. Nessa perspectiva admite que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros [...] ( LOURO 1997, p.25).

Uma cultura de ideologia de gênero está sendo disseminada pela sociedade, nas escolas, nos ambientes de lazer e nas famílias brasileiras, sejam ela tradicionais ou não ideias sobre o que é “ser menino” ou “ser menina”, porém, estão contaminadas por hierarquizações; ou seja, as crianças acabam aprendendo que meninos podem fazer mais coisas e que as meninas devem agir de maneira submissa e contida.

O que na prática contribui diretamente para que seja perpetuado o machismo: os homens aprendem a serem predadores e as mulheres enfrentam altos índices de violência machista – as, como a ideia de que devem obedecer a seus parceiros ou que não podem rejeitar um avanço sexual.

Uma reflexão para entender a problemática se faz necessário: o que acontece com as crianças que faz com que elas compreendam e até delimitam o que é próprio para menino e o que é próprio para menina desde um brinquedo ou brincadeira, uma vestimenta, um comportamento ou até questão de gosto?

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no programa de pós-graduação *latu senso* da UNEB, no curso de Especialização em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade na Formação de Educadores. A partir de observações relacionadas construção de hábitos relacionados às questões de gênero, o

trabalho descreve a organização dos ambientes, elementos, objetos e práticas pedagógicas no cotidiano da Educação Infantil.

O estudo contribui com a percepção da construção das diferenças hierarquizadas entre os sexos. Como os meninos e as meninas constroem-se e veem a diferença de papéis de homens ou mulheres a partir dos valores e concepções reproduzidas, construídos e absorvidos historicamente nos seus respectivos ambientes educativos.

Entendendo que as identidade sexuais se constroem através das formas como os sujeitos vivem sua sexualidade. Analisando o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil Formação Pessoal e Social, percebe-se que:

Para que seja incorporada pelas crianças, a atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades precisa estar presente nos atos e atitudes dos adultos com quem convivem da instituição. Começando pelas diferenças de temperamento, de habilidades e conhecimentos, até as diferenças de gênero, de etnia e de credo religioso, o respeito a essa diversidade deve permear as relações cotidianas. (BRASIL, 1998, p.41)

No dia a dia, inclusive no espaço formal de educação, essas predefinições se fortalecem e as relações entre meninos e meninas acontecem de forma desigual e seguem o estereótipo construído culturalmente pela sociedade, que determinam veemente os papéis de cada gênero na sociedade, gerando a dualidade conflituosa entre ser homem e ser mulher.

Após o nascimento, as crianças já possuem papel predeterminado pela sociedade. As meninas estão relacionadas à delicadeza, à fragilidade e à sensibilidade e os meninos estão ligados à força, agressividade e à frieza. Do já exposto surgiram as seguintes perguntas:

Quais são as "coisas de menino" e as "coisas de menina"?

- Deixe isso aí que não é coisa de menina!
- Você por acaso é alguma menina pra brincar de boneca?
- Oxe! Menino usa rosa desde quando?
- Você deve se sentar como uma mocinha.
- Gente, as rosas são para as meninas e as azuis dos meninos.

A construção dessa percepção de gênero que acontece socialmente, historicamente e continuamente está em constante mudança, por isso as identidades de gênero estão em constantes transformações.

Os sujeitos se formam com identidades plurais, múltiplas, e principalmente mutáveis, por elas não serem permanentes, chega a ser consideradas contraditórias no que diz respeito à subjetividade do entendimento do senso comum, pois parece estar subentendido que os sujeitos nascem e começam a ser modelados, manipulados, de forma que se ajuste a uma norma estabelecida antes mesmo de sua existência.

Essa relação citada tem impacto direto sobre as elaborações que as crianças fazem sobre si, sobre os outros e principalmente com a sua própria cultura, construindo padrões culturais que são posteriormente repassados por gerações.

A importância de dialogar sobre gênero é premente visto que expõe a naturalidade com que as pessoas julgam os estereótipos e ainda transmitem valores preconceituosos e discriminatórios para as crianças.

Trabalhar com questões sobre gênero no espaço educativo infantil é mais do que apontar conceitos sobre a dicotomia homem e mulher, é mergulhar em um processo de formação de caráter e valores, promovendo o respeito à diversidade e equidade e boa convivência coletiva.

Para Louro (1997), é necessário um avanço no sentido de recusar a concepção simplista de um binarismo rígido nas relações de gênero. A sugestão é gerar uma problematização muito mais ampla e complexa, com promessa de debates sobre múltiplas e intrincadas combinações de gênero.

A preocupação da investigação foi no sentido de contribuir com a reflexão a cerca do tema e a busca numa perspectiva referenciada, abordando uma relação entre educação infantil e gênero, utilizando elementos teóricos para que se desdobrem no horizonte das discussões a fim de produzir e difundir conhecimentos palpáveis.

O contexto da educação formal é encharcado de signos e significados capazes de promover, potencializar e até naturalizar cenas dicotômicas de interações entre meninas, meninos. Segundo Bourdieu (1999), as práticas

pedagógicas de professores e professoras contribuem com o desenvolvimento de roteiros relativamente prescritivos que impõem princípios dicotômicos que conseqüentemente, (re)produzem *habitus* e relações de gênero.

Para Bourdieu (1999), o termo *habitus*, faz referência a um sistema forjado socialmente com disposições cognitivas e somáticas duráveis, com inclusão de esquemas de percepção, pensamento, apreciação e ação, partindo do precoce de internalização de princípios arbitrários culturais. Essas históricas analogias de oposição entre noções de masculinidade e feminilidade, contribuem com as disparidades e definições de seus respectivos papéis na sociedade.

Segundo Louro (1997), as relações de gênero interferem diretamente na constituição da identidade dos seres humanos que interfere na constituição específica do gênero, dessa forma a identidade não é biologicamente determinada. Parte de construção social que direciona e faz compreender o que é ser homem e o que e ser mulher.

A proposta deste trabalho é realizar um estudo acadêmico baseado em observações, registros e relatos a cerca das vivências das crianças com idade entre 06 e 10 anos das turmas do ensino infantil de uma escola na cidade de Santo Antônio de Jesus-BA.

Segundo Louro (1997), existe uma necessidade de aprofundamento dos estudos sobre essa temática, considerando que todas essas indicações são apenas "amostra" de possíveis recursos para ampliar o estudo e a discussão das questões de gênero, sexualidade e educação.

Como se dão as relações de gênero no contexto formativo da educação infantil? Uma reflexão para entender a problemática se faz necessário: o que acontece com as crianças que faz com que elas compreendam e até delimitem o que é próprio para menino e o que é próprio para menina desde um brinquedo ou brincadeira, uma vestimenta, um comportamento ou até questão de gosto?

Diante do supracitado, surge como o norte incentivador desta pesquisa uma possibilidade contribuir com as discussões e ampliar as produções acadêmicas com relação a estes temas relevantes, que fazem parte do nosso cotidiano, mais especialmente sobre as relações de gênero na educação infantil.

A escritora Auad (2006), diz que há uma necessidade de se discutir a relação entre igualdade e desigualdade entre meninas e meninos, homens e mulheres no espaço escolar. Uma atenção voltada para a função privilegiada que a escola possui no que diz respeito à aprendizagem de papéis sociais e sexuais dos sujeitos.

Essa produção incentiva o exercício de um pensamento crítico reflexivo capaz de potencializar a possibilidade do rompimento da ideologia dicotômica da relação feminino versus masculino e dos papéis e comportamento que a eles são condicionados.

Com base no entendimento de Bourdieu (1999), a essa dicotomização, conhecida como relação gênero configura-se também como uma estrutura psicossomática, um sistema de disposições estabilizadas na sociedade e principalmente duradouras.

Importante destacar que os meninos e meninas decodificam e absorvem tais representações, para poder de acordo com a situação poder refutar os chamados *habitus* a fim de se apoiar nos argumentos como possíveis referências.

Diante do contexto supracitado, podemos refletir os processos de construção de educação formal das crianças, pensando nos modos como são estabelecidas as relações de gênero no ambiente educativo. Enquanto categoria de análise, o gênero possibilita críticas e reflexões baseadas no comportamento humano a partir das diferenças sociais e culturais, construídas historicamente, que possivelmente seremos atores da reprodução.

Analisando a estrutura educativa formal, Corsino (2012), diz que o currículo não pode deixar de levar em consideração análises críticas sobre de marcadores sociais como gênero, raça, etnia, geração e outras, pois assim como os aspectos de ordem econômica, elas exercem papel fundamental nas relações de poder que estruturam os arranjos sociais presentes no âmbito educacional.

No contexto mais específico do ambiente escolar infantil, a discriminação pode existir de maneira naturalizada – como, por exemplo, na divisão desigual do acesso as práticas corporais, quando os meninos têm mais dias e horários nas quadras, ou quando atividades são separadas de acordo com o gênero das crianças.

A criança deve ser ensinada sobre as possibilidades de igualdade de direitos do seu ser, independente do seu gênero, ampliando assim os seus horizontes, com a consciência de equidade construída de forma natural nas suas predisposições psicológicas.

Este estudo contribui com a percepção da construção das diferenças hierarquizadas entre os sexos. Como os meninos e as meninas constroem-se e veem a diferença de papéis de homens ou mulheres a partir dos valores e concepções reproduzidas, construídos e absorvidos historicamente nos seus respectivos ambientes educativos.

Seguindo esse raciocínio, o objetivo desta pesquisa foi analisar criticamente as relações de gênero no contexto formativo da educação infantil e a estruturação dos capítulos deste trabalho de conclusão de curso dividiu-se em:

O primeiro capítulo, Educação para além da Alfabetização, que discorre sobre as bases referenciadas a respeito da educação no Brasil, discutindo as possibilidades de construção de conhecimento direcionada para formação integral humana aponta para importância das relações de gênero.

No segundo capítulo, Gênero e Educação, aparecem as questões que envolvem as relações gênero, abordando a sua configuração no processo de formação humano no âmbito da educação infantil.

No terceiro capítulo, apresentação os aspectos metodológicos, que informam foi desenvolvido o trabalho, o caminho percorrido desde a forma de pensamento até a ação da coleta dos dados, além de caracterizar a pesquisa.

No quarto capítulo intitulado o cotidiano escolar, destaca-se as observações realizadas durante o processo de coleta dos dados, os apontamentos, anotações e vivências do cotidiano do público alvo escolhido.

E, por fim, nas considerações finais realizamos uma análise crítica dos dados coletados baseada em metodologia específica. Realizada uma explanação e contextualização reflexiva, que deram norte às considerações finais do trabalho.

## **I CAPÍTULO: EDUCAÇÃO PARA ALÉM DA ALFABETIZAÇÃO**

Com base em um viés tecnicista, a educação é caracterizada por um processo de aplicação dos métodos e metodologias de promoção da formação dos indivíduos enquanto desenvolvimento físico, intelectual e moral, com bases na pedagogia, didática e ensino. Mas, se faz necessário ampliar os horizontes e pensar de maneira mais humanizada quando se pensa em formação sujeitos.

Com âmbito educativo, quando se fala de natureza e especificidade, Saviani (1984), afirma que a natureza da educação é um trabalho material no qual o resultado não pode ser separado do ato de produção e a especificidade. Os conhecimentos, ideias, conceitos, valores, atitudes e hábitos são passados para os sujeitos com uma natureza secundária, que é desenvolvida por meio das relações pedagógicas determinadas de acordo com a construção histórica.

Um espaço formal de educação não deve somente atender à demanda da construção de saberes, os desafios atribuídos ao cumprimento da função formativa e de inclusão também devem estar inseridos na missão educativa. Faz-se necessário o desenvolvimento de um processo democrático que reconheça e valorize a diversidade humana, que leve em consideração as individualidades como elementos enriquecedores do processo educativo com base na construção histórica.

De acordo com Louro (1997) a instituição escolar é um espaço que deve ser considerado como privilegiado, por lidar com os sujeitos, com questões importantes para formação humana, como as relações sociais que são atravessadas por diferentes discursos, símbolos, significados, representações e práticas, que vão construindo suas identidades, e assim os sujeitos vão arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo.

Esse lócus chamado escola, é espaço de construção de conhecimento, que segundo Saviani (1984), é um fenômeno próprio para formação de seres humanos. Isso expressa a existência de uma forte conexão entre humanidade e educação. A partir dessa informação fica evidente a ideia de que a educação

serve como base para formação humana desenvolvida por meio das relações pedagógicas determinadas de acordo com a história.

No que se diz respeito à prática educativa, o cuidado por parte dos professores deve estar voltado a não posicionarem-se como disseminadores de valores, de doutrinas políticas ou religiosas, o ideal deve ser possibilitar o estudante pensar criticamente, refletir a respeito dos valores sociais e instiga-los a participarem do processo de respeito mútuo.

Na perspectiva do avanço da educação, com ideais voltados para desenvolvimento humano como um todo e não apenas para um pequeno fragmento da sociedade, podemos enquanto professores refletir sobre a concepção do filósofo húngaro e marxista Mészáros, que diz,

[...] sem romper com a lógica do capital não poderemos contemplar uma criação de uma alternativa educacional significativamente diferente. Esse pensamento é um chamado para reflexão perante o comportamento do educador quanto a sua práxis pedagógica, sugere refletir se o que está sendo vivenciado tem representação significante para a sociedade em geral, ou apenas para parte dela, nesse caso a classe dominante (2005, p. 27).

Nessa perspectiva configura-se como o grande desafio, reescrevermos a história de homens e mulheres pelo viés da equidade. Não que dizer que seja a condição exclusiva da transformação, condicionar a escola ou aos educadores essa mudança seria no mínimo irresponsável, porém, podemos garantir que há uma contribuição significativa a ser dada para os personagens da educação, e é inegável a efetividade das contribuições para o processo de (re)construção social. Istvan Mészáros afirma ainda que:

[...] uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade em cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudanças (2005, p. 25).

A melhoria da educação pode estar na articulação dos interesses da escola com os interesses populares. Temos que nos apropriar do espaço de transmissão

de valores que é a escola e contribuir com a superação do antagonismo, do dualismo, da dicotomia dos paradigmas.

Quais são os limites e as possibilidades da construção educativa para respeitar a diversidade? Como a escola pode contribuir com a produção de representações sociais relacionadas às questões de gênero? Como a normalização da sexualidade é exercida dentro do espaço escolar? Quais os efeitos da educação heteronormativa no comportamento das crianças? Quais representações das identidades a escola produz, reproduz e veicula na educação infantil?

Esses questionamentos precisam ser refletidos e discutidos como proposto no texto de Auad (2006), que defende a igualdade com respeito às diferenças e mostra como isso pode ocorrer na prática escolar, numa linguagem acessível a qualquer pessoa que se interesse pela questão.

Trabalhar as questões de gênero no espaço educativo ultrapassa os limites simplistas de apontar conceitos sobre a dicotomia homem e mulher. Trata-se de promover e contribuir com a formação de caráter e valores que tem como base de convivência o respeito à diversidade.

Na perspectiva da educação para além dos números e das letras, podemos apontar função do sistema de educação sugerida por Freire (2001), quando diz que o professor deve agir como aquele que se conscientiza no ato de conscientizar, pois assim a educação serve como base para a mudança social quando não pretende adaptar o ser e matar sua possibilidade de ação e pensamento.

Ao dialogar com as crianças, os professores podem proporcionar-lhes momentos de reflexão para que desmitifiquem determinadas visões e divisões sexuais estereotipadas que já começam a ser evidentes nos seus primeiros convívios coletivos. Seguindo os passos do ensino reflexivo, anunciado por Paulo Freire, que propõe a formação integral de cidadãos com consciência crítica.

A sociedade com características predominantemente machistas e patriarcais incutiu em todos os setores os seus valores e seus princípios, com a finalidade de expandir seus ideais como forma de dominação, realizando modificações nos diferentes âmbitos, entre eles na educação.

Segundo Bourdieu (2010), concepções construídas ao longo da história sobre os supostos papéis sociais de ser mulher e ser homem tem distanciamento considerável, visto que há um direcionamento do espaço do lar e a maternidade para, e de uma vida pública. Para os homens essa vivência promoveu reflexos reais na sociedade, pois marcam historicamente processo de dominação.

Essa construção histórica faz com que desde sempre as ambiguidades existam e ainda continuem prevalecendo, pois a construção machista é um resultado diário das relações.

Para Bourdieu (2010), essa dominação masculina está ancorada em nosso inconsciente de tal maneira que não percebemos mais, e de forma tão afinada com nossas expectativas, que dificilmente conseguimos colocá-la em questão.

Pensar em uma educação para além da alfabetização é construir uma escola que combata não apenas o analfabetismo, mas também o sexismo, o racismo, a homofobia, e todas as formas de intolerância, contribuindo com o rompimento do silêncio e promovendo quebra das relações hegemônicas.

## **II CAPÍTULO: GÊNERO E EDUCAÇÃO**

A sociedade contemporânea tem evoluído cada vez mais em termos de direitos humanos e estratégias de resolução de conflitos intergrupais, porém o preconceito e o racismo ainda são fenômenos intensamente presentes no nosso cotidiano.

Na explicação de Louro (1997), a terminologia gênero passou a ser utilizada com a finalidade de registrar as diferenças existentes entre homens e mulheres, que não são apenas de ordem biológica e física. Essa diferença sexual anatômica não deve ser pensada de forma isolada das construções sociais e culturais da qual os sujeitos fazem parte.

A construção do gênero acontece socialmente, historicamente e continuamente; que as relações entre homens e mulheres, e as representações dessas relações estão em constante mudança, por isso as identidades de gênero estão em constantes transformações.

Sendo assim, percebe-se que as identidades de gênero se constroem quando os sujeitos se identificam social e historicamente como femininos e masculinos. Essas concepções sexuais se constroem através das formas como os sujeitos vivem suas sexualidades.

Os sujeitos se formam com identidades plurais, múltiplas, e principalmente mutáveis, que não são fixas ou permanentes, que podem até ser consideradas como contraditórias no que diz respeito à subjetividade do entendimento do senso comum.

No entendimento de Auad (2004), em sua tese de doutorado, ela diz que o gênero não é sinônimo de sexo; masculino ou feminino, mas sim um conjunto de representações que são construídas por cada sociedade, com as particularidades e historicidade, com atribuição de significados, simbologias e características predeterminadas para cada sexo.

A problematização de reconstrução de ideias sobre a construção de gênero feminino e masculino pode ser subvertida, a partir do momento que tem uma visão muito mais ampla, de elementos, não necessariamente contrapostos, mas sim complementares. Auad (2004) chama atenção para a importância das práticas educativas nesse contexto, pois são oriundas de processos políticos, historicamente contingentes e que tem condições de serem transformados pelos seus construtores, nesse caso os sujeitos.

O ato de observar e refletir sobre questões de gênero na educação infantil tem importância significativa, pois poderá influenciar na construção do cidadão crítico. Uma criança que é estimulada desde cedo a refletir, certamente terá o desenvolvimento da consciência voltada para a importância do respeito à diversidade.

Para Louro (2003), as escolas, através da aplicação de suas práticas pedagógicas, contribuem efetivamente com a construção das identidades de gênero, pois sugerem os supostos papéis de homens e mulheres dentro da sociedade.

Nessa perspectiva, as práticas pedagógicas trabalham com mecanismos e distinguem os corpos de meninos e meninas, construindo padrões de

comportamento, com base em um modelo que eles devem seguir, identificando suas perspectivas para seus futuros.

Ainda Auad (2006), destaca que a escola, através das práticas escolares, pode se constituir como um espaço privilegiado para o “aprendizado da separação” que discrimina meninos e meninas de forma a justificar desigualdades ou pode, ao contrário, pode ser capaz de promover transformações no sentido da igualdade a partir do respeito às diferenças.

Pode ser subentendido que os sujeitos nascem e começam a ser modelados, manipulados, de forma que se ajuste a uma norma estabelecida antes mesmo de sua existência. Essa relação tem impacto direto sobre as elaborações que as crianças fazem sobre si, sobre os outros e principalmente a sua cultura, além de contribuir com a formação sua identidade de gênero.

No entendimento de Scott (1995), quando refletimos a cerca dos papéis femininos e masculinos na sociedade, temos a necessidade de aprofundar e (re)construir a supremacia do gênero masculino sobre o feminino, tomando uma caminho na direção de uma equidade política e social, que discute não só o sexo, mas também outros marcadores como classe e raça.

Educadores devem pensar promover um ambiente escolar acolhedor às diferenças, capaz de reconhecer as diversidades dos seres humanos, pois todos devem ser incluídos como cidadãos com mesmos direitos. Esse espaço deve ajudar a coibir atos de violência, discriminação e preconceitos.

Conforme Scott (1995), é preciso compreender como os meninos e as meninas constroem-se como homens ou mulheres e a partir de que valores e concepções. Esse aprendizado impele-nos a agir intencionalmente na tentativa de eliminar ou reduzir algumas hierarquias e estereótipos impostos socialmente para os papéis masculinos e femininos.

A atuação dos educadores é de suma importância no processo educativo, a fim de evitar o sexismo que é difundido nas falas enraizadas e naturalizadas culturalmente. Formar sujeitos conscientes para os direitos humanos é educar para o desenvolvimento da personalidade, para o pluralismo, para o combate às desigualdades e para as liberdades fundamentais de todos os cidadãos.

A escola é em um espaço para a (re)construção do conhecimento, local de reflexão das ações diárias dos pertencentes e de diálogos reflexivos visando transformar a visão dos alunos e permitindo a igualdade de gêneros.

Os sujeitos estão inseridos em uma rede de relações sociais, com um conjunto de signos e significados que são produtos de discursos e representações fixadas sobre suas identidades, e isso é parte de um processo de uma construção socio-cultural.

Trabalhar as questões de gênero no espaço educativo infantil é mais do que apontar conceitos sobre a dicotomia homem e mulher, é mergulhar em um processo de formação de caráter e valores, promovendo o respeito à diversidade e boa convivência.

Importante destacar a contribuição de Louro (2003), ela argumenta que a escola através de símbolos, signos e códigos, delimita espaços, institui modos de ação, produz e reproduz identidades de gênero ao informar o lugar e os forjados comportamentos dos meninos e das meninas.

As pessoas ficam submetidas ao que é socialmente aceitável; normatizado por regras, vivendo sob constante controle e opressão. Problema este que acaba legitimando as desigualdades de gênero desde os espaços da educação infantil.

Diante disso, entende-se que educar meninas e meninos na escola, constitui-se como uma prática reflexiva importante e de uma ampla repercussão, que precisa ser pensada para além da alfabetização, considerando as relações de gênero na escola com parte do processo.

Nessa perspectiva, as práticas educacionais promovem múltiplos e discretos mecanismos que escolarizam e distinguem os corpos e as mentes de meninos e meninas, que vão construindo seus padrões diferenciais de comportamento e assimilando o modelo com o qual se devem identificar para seguir no futuro.

### **III CAPÍTULO: ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Para alcançar os objetivos, os procedimentos foram baseados em métodos e metodologias científicas pertinentes, escolhidos de acordo com a temática, problemática e os objetivos gerais e específicos do trabalho.

A observação “constitui elemento fundamental para a pesquisa”, pois é a partir dela que é possível delinear as etapas de um estudo: formular o problema, construir a hipótese, definir variáveis, coletar dados e etc. (Gil 1999).

Segundo Gil (1999), deve-se analisar esses itens com bastante atenção antes de definir a metodologia, dessa forma é possível obter novos conhecimentos dentro de uma realidade social.

#### **Universo de Pesquisa**

Para o desenvolvimento deste estudo, o local escolhido foi uma escola de ensino infantil da cidade de Santo Antônio de Jesus – BA. O grupo de crianças observadas tinha idade variada entre de 4 a 10 anos de idade. O período de observações ocorreu durante o ano letivo de 2018.

As crianças que frequentam a unidade escolar são de classe média- baixa, cujas mães, pais e ou responsáveis são trabalhadores das seguimento de bens, comércio e turismo. Todos os professores e professoras tem nível superior e ou pós-graduação.

#### **Abordagem qualitativa**

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de campo, pois a coleta será feita direto no lócus da pesquisa. Para Lakatos (1991) é um tipo de estudo que tem como objetivo conseguir informações e ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre

eles. Este tipo de pesquisa possibilita a obtenção de dados bem concretos e a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Uma abordagem do estudo caracterizou-se com natureza qualitativa. Para Minayo (1994), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, pois trabalha em um universo de significados, causas, pretensões, crenças, princípios, valores e atitudes, referindo-se a um espaço profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, os quais não podem ser quantificados. Assim os dados poderão ser categorizados e posteriormente discutidos.

O estudo configura-se como uma pesquisa explicativa, que para Gil (1999), é aquela que busca identificar os fatores que contribuem para que ocorra um determinado fenômeno.

O objeto de estudo observado foi às expressões e questões de gênero na educação infantil, analisando as ações e comportamentos estereotipados como sendo de menina ou de menino, fazendo distinção por sexo dos sujeitos.

### **Observação de Campo**

Como instrumentos de coleta dos dados, foi utilizada a técnica de observação direta e participante. Foram feitos registros da realidade num diário de campo sobre o ambiente escolar, observando prioritariamente falas e ações de educandos com relação às relações de gêneros.

Para Gil (1999), a observação é a aplicação dos sentidos humanos para obter determinada informação sobre aspectos da realidade.

As turmas de ensino infantil não foram escolhidas por acaso. O principal motivo é considerar as séries iniciais como o primeiro momento de interação com a diversidade na escola, ou seja, é o primeiro contato com a (re)construção do conhecimento, onde o que se verbaliza e troca de conhecimento é o que foi aprendido em casa ensinados pelas famílias.

É o primeiro contato social com pessoas além de familiares, onde ações, comentários sexistas podem ser notados nas brincadeiras, nas atividades cotidianas, na fala de colegas e ou até de educadores e educadoras.

## ASPECTOS OBSERVADOS NAS DAS AULAS:

- Comportamento dos alunos e alunas
- Comportamento dos professores e professoras
- Atividades propostas pelos professores e professoras
- Materiais particulares dos alunos e alunas
- Materiais disponibilizados pelas escolas

Após as observações foram registrados marcadores sexistas nas brincadeiras infantis, notadas através de comportamento e falas das crianças que mostraram preconceitos e discriminações quanto a estereótipos e/ou relações de gênero.

## IV CAPÍTULO: O COTIDIANO ESCOLAR

### **Cores e características das mochilas**

As características mais marcantes relacionadas às mochilas foram as cores e figuras estampadas, meninas com princesas, *barbies* e tons de cor de rosa ou lilás, enquanto que os meninos com desenhos de carros, super-heróis e tons em preto ou azul marinho.

### **Capas dos Cadernos**

Com relação a este item, as meninas em sua grande maioria tinham capas com princesas, *barbies* e ursos, nos tons rosa e lilás, enquanto que os meninos com carros, super-heróis, time de futebol, maioria nos tons azuis.

### **Copos e pratos do lanche**

Na hora do lanche as preferências também foram marcantes com relação aos utensílios utilizados. As meninas utilizavam copos e pratos cor de rosa e os meninos copos e pratos azuis.

### **Pegadores do varal de atividades**

As figuras utilizadas para diferenciar os pegadores têm características também de diferenciação de gênero. As meninas tinham pegadores com desenhos de flores, enquanto que os meninos tinham uma bola de futebol.

### **Cores das cadeiras**

Rotineiramente a maioria das meninas sentava-se nas cadeiras amarelas, enquanto a maioria dos meninos nas azuis e verdes.

### **Aulas de Educação Física**

As atividades propostas nas aulas geralmente baseavam-se em desafios que articulavam o movimento corporal com a criatividade através do lúdico ou minijogos. Por exemplo, circuitos, atividades de passar por cima e por baixo de obstáculos, atividades de velocidade e de força.

Para Louro (1998), as meninas desenvolvem uma espécie de timidez corporal porque – como responsáveis pela reprodução – precisam aprender a proteger seus corpos.

Nesses momentos específicos, o foco das observações foi à linguagem corporal, as falas e as negociações que as crianças tinham em suas relações com outras do mesmo sexo e do sexo oposto e com seu próprio corpo. Observando de que forma se desenvolviam as brincadeiras propostas.

A ideia de desconstruir é estimular que as crianças se divirtam juntas, sem fazer distinção entre elas, sem impor que brinquem com brinquedos e atividades separadas pelo gênero. É promover que adolescentes transgênero tenham um ambiente seguro onde sejam respeitados e que essas ações desenvolvidas fluam de maneira naturalizada.

### **Hora do lanche**

No senso comum a hora do lanche é um momento de concentração, introspecção e de disciplina, tornando-se um momento sério, que muitas vezes tonar-se até tenso. Esse momento marcado pela impossibilidade de expressão, contenção da postura, é marca destacada no espaço da educação infantil.

Por outro lado já é percebido que nesse momento, as crianças usam esse espaço para conversar sobre si, seus gostos, seus problemas e isso é importantíssimo na construção social de cada sujeito. Algumas crianças chegam até a trocar de lugar para conversar com vários colegas ao mesmo tempo.

Analisando no contexto proposto pelo estudo, percebeu-se uma nítida divisão por sexo, tanto nos grupos formados nas mesas, quanto nas cores dos objetos utilizados. Sendo repetitiva a característica das cores rosa para as meninas e azul para os meninos. Houve uma constância no sentido de determinar umas às outras, o que cabia a cada sexo.

### **Momentos livres.**

A escola disponibiliza muitos brinquedos, na sala de aula tem jogos, quebra cabeça, jogos de memória, jogos de montar, etc. Sobre as mesas papel, revistas, lápis, canetas, giz, tintas, livros, massinhas e etc. As crianças costumam brincar na sala de aula, no parque e na quadra, na sala de aula tem o canto da casinha, da literatura, as mesas e o tatame.

Nas sextas feiras é o dia combinado para levar brinquedos de casa, geralmente às meninas trazem bonecas e ursos de pelúcia e os meninos trazem bonecos de super-heróis.

As meninas agrupam-se entre si e escolhem brincadeiras relacionadas ao que denominamos tradicionalmente universo feminino: brincam de bonecas, de casinha, de cabeleireiro. Os meninos fazem uso de jogos de memória, de construção, ou outros similares, brincadeiras de correr ou que utilize força física. E nos momentos mistos, brincam na perspectiva de reproduzir papéis e performances de “mini heteros adultos”, com contatos de carinhos, toques, olhares, cochichos e etc..

### **Ações pedagógicas**

Não houve registro de propostas pedagógicas capazes de contribuir com o desenvolvimento das crianças com respeito ao diferente e ao diversificado. Não houve atividades e ações que pudesse trabalhar o respeito ao direito das crianças

quanto suas escolhas de brinquedos, brincadeiras e grupo de amizade sem que se tenham como pré-requisito as relações e estereótipos de gênero.

### **Considerações Finais**

A criança constrói sua autonomia à medida que ela se desenvolve, tanto fisicamente quanto psicologicamente, capacitando-se a decidir e realizar atividades por conta própria, definindo seus gostos e estilos próprios, de forma espontânea, porém de fato, tende a ser influenciada por adultos e pelo meio social de convivência.

Faz-se necessário refletir sobre a educação infantil, para promovê-la a uma área de atuação com constante de diálogo teórico e ações pedagógicas no que diz respeito às relações de gênero.

É papel importante das instituições educativas terem espaços, ambientes e profissionais capazes de promover a prática de valores de igualdade e respeito entre pessoas de sexos diferentes e que consiga fazer com que as crianças convivam com todas as possibilidades relacionadas ao futuro de homem e mulher.

Educadores e educadoras precisam entender sua função de transformador e perceber que se não houver um devido cuidado, a sua atuação pode ter um caráter legitimador de estereótipos excludentes impostos culturalmente em nossa sociedade.

Por fim, no que se refere às questões de gênero e sexualidade foi possível notar que é preciso criar estratégias que esclareçam e estimulem a reflexão da comunidade escolar com relação a essa temática. Portanto, o espaço analisado não se apresenta como um espaço plural no qual há uma problematização e superação dos processos de discriminação, e sim como um espaço gerador e reprodutor de uma educação sexista.

## REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela. **Educação para a democracia e coeducação: apontamentos a partir da categoria gênero.** Revista USP, São Paulo, n.56, p. 136-143, 2002-2003.

AUAD, Daniela. **Relações de gênero nas práticas escolares: da escola mista ao ideal de coeducação.** 2004. 232p. Tese (Doutorado em Educação: Sociologia da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola.** São Paulo: Contexto, 2006.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL, **Referencial curricular nacional para educação infantil. Formação pessoal e social. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental.** Brasília: 1998.

CORSINO, L. N. **Relações de gênero na educação física: a construção dos corpos de meninas e meninos nas “misturas” e nas separações da escola.** Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos – 23 a 26 de agosto de 2010.

CORSINO, L. N. **Relações de gênero na Educação Física Escolar: uma análise das misturas e separações em busca da coeducação.** 2011. 154f. (Mestrado em Ciências: Educação e Saúde na Infância e na Adolescência) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2011.

CORSINO, Luciano Nascimento; AUAD, Daniela. **O professor diante das relações de gênero na Educação Física Escolar.** São Paulo: Cortez, 2012.

CORSINO, L. N. **Educação física escolar e relações de gênero: entre desigualdades e silenciamentos.** SEMINÁRIO DE METODOLOGIA DE ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP – SEMEF, 4, São Paulo, 2012.

FINCO, Daniela. **Relações de gênero e as brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil**. Pro-Posições. Dossiê Gênero e Infância, n. 42, p. 89-101, dez. 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1995.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Guacira Lopes Louro Petrópolis, Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. 191 p

MESZÁROS, Istvan; **Educação Para Além do Capital**; ed. Boitempo; São Paulo – SP; 2005.

MINAYO, Cecília Maria. (organizadora); DESLANDES, Suely Ferreira; NETO Otavio Cruz ; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade** – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Sociologia e teoria crítica do currículo: uma teoria**. In: MOREIRA, Antônio Flávio (Orgs.); SILVA, Tomaz Tadeu da Currículo, cultura e sociedade. São Paulo: Cortez, 1994.

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a natureza e especificidade da educação**. Comunicação apresentada na Mesa-Redonda sobre a Natureza e especificidade da Educação, realizada pelo INEP, em Brasília, no dia 05 de julho de 1984.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise.** *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-100, jul./dez. 1995.